

REZAR PELOS MORTOS

É bastante raro propor aos filhos que rezem pelos defuntos. Contudo, é uma bela maneira de amar de verdade aqueles que nos foram tirados.

A maior parte das crianças vivem uma situação paradoxal em relação à morte: por um lado, fala-se-lhes o menos possível, mantendo-as afastadas dos ritos fúnebres e da realidade concreta da morte. Nem o catecismo aborda a oração pelos defuntos; quanto à visita tradicional ao cemitério, ela resume-se demasiadas vezes a um depósito de crisântemos.

A par disso, a morte é exposta diante dos seus olhos, da forma mais violenta, em séries televisivas e outros documentários da actualidade, já para não falar dos espectros do Dia das Bruxas e dos jogos de vídeo que as convidam a matar alegremente inimigos virtuais.

Porque é que nós não propomos com mais frequência aos filhos que rezem pelos mortos? Porque temos medo de traumatizá-los ou de lhes transmitir uma imagem triste, ou até masoquista, da oração e da vida cristã. Mas sem dúvida também porque nós próprios também já não sabemos muito bem a razão de ser desta oração pelos defuntos. Temos tanto medo de aumentar a mágoa das famílias recordando-lhes que o seu defunto talvez ainda não esteja na plenitude

do Céu, que raramente falamos do purgatório, mesmo durante os serviços fúnebres; por essa razão, a oração pelos mortos torna-se com frequência uma coisa bastante vaga: se todos os mortos vão imediatamente para o Céu, de que serve rezar por eles?

Contudo, a Igreja sempre rezou pelos mortos: *«Desde os primeiros tempos, a Igreja honrou a memória dos defuntos, oferecendo sufrágios em seu favor, particularmente o sacrifício eucarístico (cf. DS 85), para que, purificados, pudessem chegar à visão beatífica de Deus. A Igreja recomenda também a esmola, as indulgências e as obras de penitência a favor dos defuntos»* (Catecismo, 1032).

Durante os Anos Santos, a Igreja convida-nos de modo particular a empreender actos jubilares em favor dos mortos. A Bula de promulgação do Jubileu do ano 2000, no decreto anexo, diz:

«A indulgência do Jubileu pode ser aplicada à maneira de sufrágio às almas dos defuntos; agindo assim, realiza-se uma acção insigne de caridade sobrenatural, em virtude da ligação pela qual, no Corpo místico de Cristo, os fiéis que ainda peregrinam na terra se unem àqueles que já concluíram a sua caminhada terrena»

Com efeito, nem todos os mortos entram directamente na bem-aventurança eterna: *«Os que morrem na graça e amizade de Deus, mas não de todo purificados, embora seguros da sua salvação eterna, sofrem depois da morte*

uma purificação, a fim de obterem a santidade necessária para entrar na alegria do Céu» (Catecismo, 1030)

- Cf. Christine Ponsard, *A fé em família, Paulinas*, pp. 117-118
- Catecismo da Igreja Católica, *Creio na Vida Eterna*, 1020-1065